



EDITORIAL

Este número dos CASA traz doze artigos. Três deles são teóricos e, mesmo que com objetivos diferentes, pode-se dizer que expõem discussões no âmbito das relações entre imanência e transcendência. São eles: “Reflexões sobre o conceito de imanência em semiótica: por uma epistemologia do discurso”, “O processo semiótico de comunicação: sobre o esquema de comunicação de Ignácio Assis Silva” e “Afinidades eletivas: o texto e o discurso”. Os demais trabalhos que compõem o número analisam, semioticamente, diferentes tipos de texto: romance policial, poema, conto, reportagem, anúncio publicitário, blog, telejornal e programa de tv. Cada *corpus* examinado acaba por demandar diferentes percursos teóricos. É assim que o artigo “O percurso narrativo dos romances policiais mais vendidos no Brasil na década de 1970: sanção cognitiva ou sanção pragmática?” explora a fase narrativa da sanção e indaga sobre a relação de sua conformação cognitiva ou pragmática com o gosto do leitor.

“Semiótica e aspectualidade em poemas de Manuel Bandeira” analisa “o ponto de vista sobre a ação”, que atribui uma duração e um andamento ao sentido dos poemas. Os artigos – “O universo passional de Marina Colasanti, em A moça tecelã” e “Representação de uma desumanização naturalizada: uma leitura de O arquivo, de Victor Giudice” – buscam compreender o sentido patêmico nos contos analisados.

Dois outros artigos mobilizam a teoria semiótica no que diz respeito ao exame do sincretismo: “O caso Richthofen na revista Veja: uma análise semiótica de um texto sincrético” e “Comunicação e manipulação em anúncio de cerveja”.

Ambos os artigos “Um herói nada mascarado: o blog do Lelê à luz da semiótica” e “O telejornal como ato de presença” examinam a construção da relação enunciador/enunciatário, que, embora, nos dois tipos de texto analisados, tenha o mesmo objetivo argumentativo, apresenta recursos narrativos e discursivos diferentes.

Fecha o número da revista o ousado artigo – “Acorda, menina! Acorda, menino!: euforia e disforia do /R/ retroflexo de Ana Maria Braga no programa Mais você” – que propõe uma leitura tímica de traços fonéticos.

Renata Coelho Marchezan
Editora Responsável